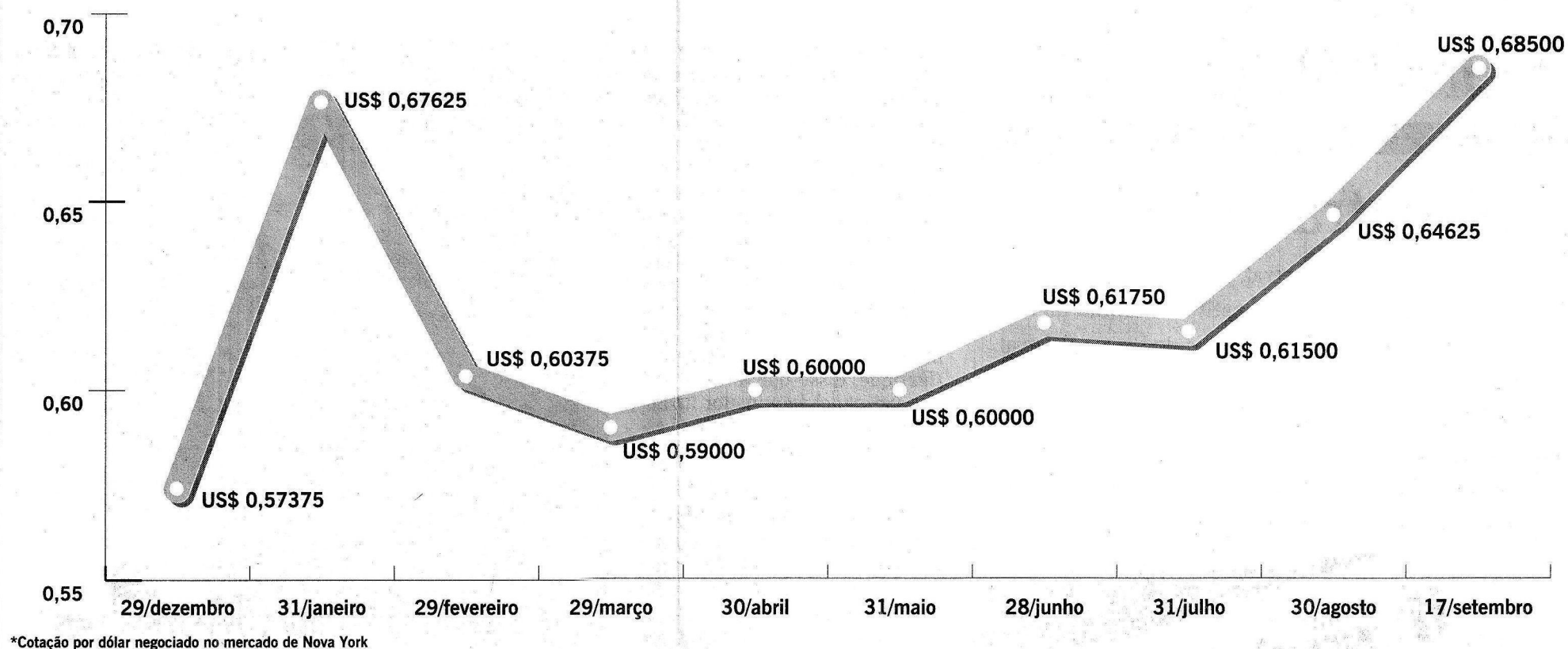


18 SET 1996
O GLOBO

Editoria de Arte

O C-BOND MÊS A MÊS



Corrida aos títulos da dívida

C.Bonds tiveram uma valorização de 30% acima do dólar em um ano

Adriana Chiarini

BRASÍLIA

Q Quem apostou na economia brasileira e comprou títulos da dívida externa do Brasil, lucrou. Esses papéis registraram um rendimento anual de até 30% ao ano acima da variação do dólar do fim do ano passado para cá, uma rentabilidade rara no mercado internacional. A valorização resultou no aumento da procura por papéis brasileiros, no alongamento dos prazos dos financiamentos e na expectativa de uma breve reclassificação da taxa de risco do Brasil lá fora.

— A cada dia que passa o Brasil vai ficando com maior credibilidade. Há muitos recursos no mercado internacional buscando bons investimentos, e isso também está fazendo o Brasil ser mais observado — diz o diretor do banco inglês Morgan Stanley e ex-presidente do Banco Central, Francisco Gros.

Telebrás vai lançar no mercado internacional papéis de oito anos

Como resultado concreto da receptividade do mercado internacional em relação aos papéis brasileiros, a Telebrás fará hoje a captação de prazo mais longo realizada por uma empresa brasileira nos últimos anos, segundo Saulo Blauth, diretor-executivo da BB Securities, corretora da operação em Londres. Para Blauth, o lançamento de US\$ 310 milhões em títulos de oito anos é uma amostra da con-

quista de credibilidade do Brasil no exterior.

O chefe do Departamento de Operações das Reservas Internacionais do Banco Central, Joubert Furtado, também atribui a valorização dos papéis brasileiros à credibilidade crescente da economia lá fora. O deságio do mercado secundário sobre o título conhecido como IDU, um dos mais importantes papéis da dívida externa brasileira, caiu de 17% em dezembro para 3,5% ontem, segundo Blauth.

— Contando essa valorização com os juros do título, o IDU rendeu cerca de 30% ao ano em dólar para quem investiu nele no fim do ano passado. É uma rentabilidade absurdamente alta para o mercado internacional — diz Blauth.

O presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Luiz Carlos Mendonça de Barros, também afirma que quem apostou na valorização dos papéis brasileiros lucrou muito dinheiro. Este foi um dos melhores rendimentos pagos pelo mercado internacional, segundo ele.

O Banco do Brasil, como maior credor privado da dívida externa brasileira, por exemplo, lucrou no mínimo US\$ 600 milhões. Os títulos da dívida brasileira se valorizaram pelo menos 20% em média nos últimos 12 meses e que o BB tem entre US\$ 3 bilhões e US\$ 4 bilhões em sua carteira, afirmou Blauth.

Empresa do Banco do Brasil, a BB Securities trabalha também para outras empresas e ganhou, desde o início do ano,

entre US\$ 8 milhões e US\$ 10 milhões só na intermediação de compra e venda dos títulos da dívida externa, de acordo com Blauth. A BB Securities vende também papéis de empresas brasileiras como a Vale do Rio Doce, a Petrobras, o BB e empresas privadas. Na semana passada, fez lançamentos de títulos dos bancos Pontual e América do Sul. Além disso, atende centenas de investidores internacionais, a quem indica investimentos no Brasil.

Tudo isso se relaciona. A valorização dos títulos da dívida externa estatal brasileira, como a dos IDU e C.Bonds — papéis também conhecidos como *bradies*, por fazerem parte do acordo de 1994 do Governo brasileiro com os bancos internacionais — reduz o custo de captação para as empresas do país. Isso porque os juros embutem uma avaliação do risco da empresa. Para o investidor internacional, esse risco da empresa é o risco de a economia do país não ir bem. A valorização dos títulos da dívida externa, portanto, indicam redução do risco do país.

Blauth disse que a BB Securities trabalha inclusive com a melhoria de nível do Brasil na classificação de risco das agências internacionais, e que o Brasil pode passar em breve de "B+" para "BB", o primeiro nível de recomendação de investimento.

Gros observou que uma melhor classificação de risco do Brasil faz parte de um processo natural de melhora da imagem do país. Segundo ele, isso não deve vir já este ano, apesar de ser inegável que o

país está sendo visto com muito mais interesse pelos investidores internacionais, cada vez com condições de crédito melhores.

Outro motivo para a valorização dos títulos da dívida externa brasileira foi a autorização dada pelo Senado, recentemente, para o Governo comprar títulos anteriores ao Plano Real com recursos captados no exterior. Comenta-se no mercado brasileiro que o Governo já vinha realizando essas compras desde o segundo semestre do ano passado. Segundo um consultor, por meio da BB Securities. Ninguém no BC confirma. Blauth disse apenas que adoraria fazer a operação.

Compra da dívida melhora credibilidade do país no exterior

Segundo Gros, o efeito mais importante da negociação com o Senado não foi anunciar oficialmente que o Brasil se candidatava a grande comprador, mas mostrar que o país está tomando providências para melhorar o perfil do seu endividamento. Isso melhora a credibilidade e aumenta o interesse internacional.

— O Brasil está cada vez mais presente como opção para os investidores. Os últimos números da inflação são extraordinariamente positivos — disse Gros.

O ex-presidente do BC conta que outra preocupação é com a reeleição. Segundo ele, se a reeleição for aprovada no Congresso, isso indicará que o Governo tem pulso firme para tocar a agenda das reformas. ■